

contidos neste e estrutura em certa medida o próprio edifício dos conhecimentos” (p. 289).

Infelizmente, a palavra **documentaliste** (que aparece na página 294 da edição francesa) foi inexplicavelmente traduzida como **documentador** (p. 289). Outra injustificável tradução é a de **temps d’emballage** (p. 86 da edição francesa) por **tempo de embalagem** (p. 77). Salvo melhor juízo, a palavra mais apropriada é **enformação**, dicionarizada em língua portuguesa como **atribuição de forma**. Trata-se da etapa na qual a **mensagem**, depois de concebida e explicitamente formulada, transforma-se em texto: manuscrito ou datilografado, composto e corrigido, impresso e publicado, distribuído e **consumido**.

Parece-me igualmente injustificável, na edição brasileira, a omissão dos números dos capítulos, desde que indicados no sumário; e, muito menos, a dos índices onomásticos e temático, indispensáveis em obras tão densas de idéias originais e de citações como esta. As editoras brasileiras não têm o direito de omitir os índices que, se existem nas edições originais, é porque são necessários.

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados •— Universidade de Brasília

MORTON, L. T., ed. Use of medical literature. London, Butterworths, 1974. 406 p. ISBN 0 408 70550 7. £ 7.50. (Information sources for research and development)

Leslie Morton é conhecido dos bibliotecários biomédicos por várias contribuições notáveis para a bibliografia desse campo, principalmente o trabalho de continuação e atualização da **Medical Bibliography** de Garrison, cuja terceira edição foi publicada em 1970. Neste volume, que ele organizou e para o qual escreveu o primeiro capítulo (“Libraries and their use”), participam vários especialistas da Grã-Bretanha, analisando as principais publicações primárias e secundárias das ciências biomédicas.

À semelhança dos volumes anteriores da série — Information Sources for Research and Development —, em que se destacam como de interesse para os *bibliotecários biomédicos* **The Use of Biological Literature**, de R. T. Bottle e H. V. Wyatt, e **The Use of Chemical Literature**, organizado por R. T. Bottle, este se apresenta sob uma forma narrativa, que lhe dá um outro alcance além de um simples guia de

bibliografia especializada. Isso, por outro lado, impõe uma seleção criteriosa e permite que a literatura do assunto seja tratada de forma global, sem desprezar o estudo das publicações primárias do campo geral e suas subespecialidades. Percebe-se, portanto, que uma obra deste tipo não duplica, mas complementa, os guias especializados, como, neste caso, o excelente trabalho de John B. Blake e Charles Roos **Medical Reference Works, 1679-1966**. Destinando-se aos próprios usuários da informação, o livro contém o capítulo inicial, já citado acima, sobre os principais aspectos que os consulentes devem conhecer de uma biblioteca, além de mencionar e descrever sucintamente as principais bibliotecas médicas na Grã-Bretanha e Irlanda e nos Estados Unidos da América. O capítulo seguinte é uma excelente análise das características da literatura biomédica ("Primary sources of information"), principalmente as publicações periódicas.

As publicações secundárias de caráter abrangente são analisadas nos capítulos 3 e 4. O quinto capítulo é um levantamento bastante amplo das fontes mecanizadas de recuperação de informações, descrevendo os sistemas MEDLARS, INFIRS/MEDLARS-2, Excerpta Medica, UKCIS (United Kingdom Chemical Information Service), ASCA IV (Automatic Subject Citation Alert Mark IV), INSPEC e BA-Previews. Nos capítulos subsequentes, encontramos uma análise das fontes de informações nas seguintes especialidades: Anatomia e Fisiologia, Bioquímica, Biofísica e Biologia Molecular, Saúde Pública, Farmacologia e Terapêutica, Medicina Tropical, Anatomia Patológica, Microbiologia Médica, Imunologia e Transplantação, Medicina Clínica, Psiquiatria, Cirurgia e Anestesia, Obstetrícia e Ginecologia, Odontologia, História e Biografia. O último capítulo contém interessantes indicações sobre a organização de índices para uso pessoal dos próprios especialistas.

Pequenos senões não prejudicam a excelente qualidade da obra. Por exemplo, na nota de rodapé da página 25, está **Current Contents, Chemical Practice** quando deve ser **Current Contents, Clinical Practice**. Outra informação inexata encontra-se na página 191, quando afirma que a **Bibliografia Brasileira de Medicina** em seu início abrangia apenas a literatura produzida no Estado de São Paulo. Percebe-se que o autor do capítulo confundiu o **índice-Catálogo Médico Paulista** com o **índice-Catálogo Médico Brasileiro**, ambos compilados por Jorge de Andrade Maia.

Embora a esmagadora predominância de citações de publicações em língua inglesa possa causar estranheza aos consulentes, deve-se lembrar, como bem salienta Leslie Morton no prefácio, que isso reflete o crescente emprego internacional do inglês na literatura médica e científica.

Esta é uma obra indispensável a todos os bibliotecários biomédicos, aos estudantes de Medicina, aos professores dessa matéria e àqueles que nas escolas de Biblioteconomia lecionam bibliografia de ciências biomédicas.

ANTÔNIO AGENOR BRIQUET DE LEMOS
Departamento de Biblioteconomia — Universidade de Brasília

PAINTER, Ann F., **ed.** Classification: theory and practice. **In: Drexel Library Quarterly** 10 (4) :1-120, Oct. 1974. (Este fascículo contém 8 artigos.)

A classificação não parece constituir o lado forte da Biblioteconomia norte-americana. Para prová-lo bastaria lembrar o uso insistente e persistente, quase avassalador, de dois dinossauros da classificação bibliográfica: a Classificação da Library of Congress (LC) e a Classificação de Dewey (CD). Mais ainda. O hábito inveterado de confundir os princípios fundamentais da classificação com as possibilidades e limitações destes dois sistemas levou os bibliotecários americanos a uma tomada de posição que se pode chamar de histórica: o abandono quase total do catálogo sistemático em favor do catálogo dicionário. A partir de então, o que se esperava de um sistema de classificação não poderia ir muito além da localização dos livros nas estantes. A tudo isso se juntou a miragem do computador. Entenda-se. Os serviços prestados pelo computador à Biblioteconomia são realmente muito importantes. Negá-lo seria falta de objetividade e até de bom senso. Mas parece miragem o que muitos, hoje, indevidamente, insistem em esperar do computador.

De qualquer sorte, a Biblioteconomia nos EUA não parece (ou não parecia) empenhada, como a inglesa, em buscar no aprofundamento dos princípios básicos da classificação bibliográfica a solução segura para os graves problemas da recuperação da informação. Como bem observa Gordon Stevenson, no artigo inserido no volume que agora apresentamos ao público brasileiro (p. 13), a Biblioteconomia americana, a partir de certa data, convenceu-se de que nada tinha que aprender de outros povos e só tinha o que ensinar. No entanto, em matéria de classificação bibliográfica ficou paralisada em CD e LC. O internacionalismo que emergiu da Conferência de Paris, em 1961, relacionado com a catalogação descritiva, não atingiu o setor de classificação. A moderna teoria das classificações facetadas, vigorosamente iniciada por Ranganathan e brilhantemente continuada pelo Classification Research Group de Londres, quase não encontrou eco entre os bibliotecários americanos.